

Os problemas da análise etnológica ⁽¹⁾

Assentámos em que a noção de *raça* tem essencialmente uma base *somatológica*, visto que os caracteres físicos são de feição mais objectiva, mais acessíveis à observação e mais estáveis nos indivíduos e nas gerações, e sem que o reconhecimento desse facto implique a negação duma definição *psico-social* das raças ⁽²⁾. Somos chegados à altura de tentar a sistematização e aproveitamento dos elementos relativos aos vários caracteres somáticos humanos a cujo estudo procedemos. Uma classificação etnológica não deve repousar apenas sobre a estatura ou o índice cefálico isolados, nem todos os caracteres tem um mesmo valor taxinómico. Em

⁽¹⁾ Lição no curso de Etnologia na Universidade do Porto, em 27 de Janeiro de 1922.

⁽²⁾ Defendi este ponto de vista na reunião preparatória do Instituto Internacional d'Antropologia em setembro de 1920, em Paris (*Revue Antropologique*, 1920, p. 240), sendo adoptado o meu alvitre sobre a conveniência de, utilizando os métodos da psicologia experimental, se proceder a inquéritos de *Psico-sociologia étnica*, para o que se poderia mesmo crear uma Secção especial do novo Instituto. Na reunião do Instituto, de 1921, em Liège — reunião a que me não foi possível assistir — o sr. Prof. Papillault, que na reunião de 1920 me dera a honra de apoiar o meu ponto de vista, propoz a substituição da designação *Psico-sociologia étnica* pela de *Antropologia sociológica* (e não *Antroposociologia*, em vista do descrédito em que esta designação caiu, pela utilização que dela fizeram os pangermanistas). (Cf. *Revue Anthropologique*, 1921, p. 477). Confesso que *Psico-sociologia étnica* me parecia preferível, a não ser que, em vez de *Antropologia sociológica*, se dissesse *Antropologia psico-sociológica*. Se é certo que a sociologia não pode abstrair da psicologia individual e colectiva (para alguns sociólogos, até a sociologia nada mais é do que a psicologia social), nem porisso havia desvantagem em acentuar a importância especial ligada às características psicológicas das raças, independentemente mesmo dos factos da actividade social. Seria mesmo um modo de reivindicar para esse ramo da Antropologia a utilização dos métodos psicológicos e de exprimir o triplo sentido (somático, psíquico e social) da definição da raça, geralmente entendida apenas no primeiro sentido, o físico ou somatológico. Desse modo não haveria, pelo menos aparentemente, uma lacuna entre a *Antropologia física* e a *Antropologia sociológica*.

taxinomia biológica, os critérios fundamentaes são os da *hierarquia* e da *associação* dos caracteres. A Etnologia, ramo da Antropologia, e por Unto utilizando os métodos da história natural, não pôde, para a classificação das raças, adoptar diferente critério.

Dêsse modo, uma das tarefas preliminares do etnólogo é a de procurar seriar os caracteres taxinómicos numa escala dos seus valores relativos, isto é, sob o ponto de vista da dominância ou subordinação respectivas, e, por outro lado, organizar grupos de caracteres associados permitindo a destrinça das divisões correspondentes às várias categorias taxinómicas, inspirado o mais possível no modo como na realidade esses caracteres surgem associados nos diferentes tipos humanos. Por outras palavras: a classificação etnológica deve ser *natural* e não *artificial*, como seria se a escolha dos caracteres taxinómicos fosse feita arbitrariamente, a exemplo do que se daria na Botânica se a primeira divisão das plantas fôsse baseada nas suas dimensões, ou na Zoologia se a divisão dos animaes se fundasse na cor, ou na presença de azas, ou na presença de barbatanas, ou noutro qualquer carácter isolado, escolhido ao acaso, sem um critério científico. O procedimento do botânico que começasse por dividir as plantas em grandes e pequenas, por exemplo, ou de zoólogo que classificasse os animaes em animaes com azas e animaes ápteros (reunindo no primeiro grupo aves, morcegos, peixes voadores, muitos insectos, etc. e no segundo quasi todos os mamíferos e peixes, alguns insectos não compreendidos no primeiro grupo, etc.), equivale ao do etnólogo que reunir todos os Negros num só grupo taxinómico pelo simples facto da côr ou que dividir as raças em altas e baixas desdenhando de todos os outros caracteres etnológicos.

E, no entanto, muito etnólogos ilustres pouco mais teem feito do que isso. Ainda hoje em algumas escolas secundárias se ensina a classificação de Blumenbach (1) nas

(¹) Segundo Anton, o «método natural» já *palpitaria* nesta classificação (Hoyos Sainz — *Etnografia*, Madrid, 1900, 2.^a ed., p. 43). É facto que, além da côr, Blumenbach menciona, nas suas diagnoses, outros caracteres físicos como o contorno e proeminencia da face, a forma do nariz, etc. Mas ninguém hesita hoje em considerar arcaica e simplista a Classificação do célebre professor de Göttingen. Perante as de Deniker, Giuffrida-Ruggeri, etc., é bem atrazada.

cinco raças (caucásica, mongólica, etc.); mas, se esta classificação é arcaica e extremamente simplista, em muitos espíritos cultos não é raro encontrar um feiticismo talvez mais censurável, pela classificação das raças fundada exclusivamente ou quasi exclusivamente no índice cefálico: há até antropologistas que se contentam com repartir as populações em braquicéfalas e dolicocéfalas, sem mais preocupações, esquecendo que ha braquicéfalos mais próximos de alguns dolicocéfalos do que doutros braquicéfalos, e vice-versa. Não vae mesmo longe o dia em que alguns meios científicos tornaram a sério uma doutrina pretensamente antropológica, segundo a qual aos dolicocéfalos pertenceria o monopólio das virtudes e do valor social, sendo assim o índice cefálico ao mesmo tempo um elemento distintivo das raças e um índice da sua gerarquia. Mas tão estranha cegueira, que parecia esquecer a dolicocefalia de Negros, Melanésios, Australianos, etc., tinha a explica la um propósito de hegemonia imperialista: alguns alemães, dizendo-se erroneamente os representantes genuínos dos dólico-loiros, da raça nórdica, punham ao serviço dos seus apetites políticos uma mentira mascarada com o nome de Antroposociologia. (1)

Mas não é preciso recordar essa e outras deturpações interesseiras da verdade científica, para evidenciar o carácter unilateral e artificioso de algumas classificações etnológicas: é extraordinário que muitos indivíduos cultos, mesmo até antropólogos e etnólogos, se encontrem ainda confinados em concepções rudimentares da taxinomia etnológica. Surpreende que até sábios da envergadura dum Giuseppe Sergi enfileirem, por exemplo, Pigmeus do Centro Africano ao lado de Europeus de tipo mediterrâneo, separando pelo contrário estes últimos dos Europeus ditos da estirpe alpina. (2) Esta referência não implica de modo algum a

(1) Mendes Corrêa—*Raça e Nacionalidade*, 1919, Pôrto, p. 9 e seguintes.

(2) Os Pigmeus africanos e os Mediterrâneos pertencem, segundo Sergi, que, como poligenista, admite vários géneros e espécies de *Hominidae*, ao género *Notanthropus*, embora a espécies diferentes. Mas segundo o mesmo autor, os Europeus do tipo alpino pertencem a um outro género, completamente distinto, o *Heoanthropus*. (G. Sergi — *L'Uomo*, Torino, 1911). E assim acontece que, na distribuição das estampas do seu livro *L'Uomo*, Negrilhos e alguns Europeus figuram numa mesma série, ao passo que outros Europeus estão noutra grupo de estampas. Ha acaso o direito de fazer uma tal aproximação e uma tal separação?

pretensão de considerar a classificação de Sergi tão grosseira como algumas das apontadas. As diagnoses de Sergi, por mais objecções que nos suscitem, teem um carácter científico que concorda com a alta categoria intelectual do seu autor. Mas a verdade é que, embora entrando mais ou menos em linha de conta com muitos outros caracteres somáticos, o antropólogo italiano dá um relevo injustificado ao contorno horisontal do crânio, o que lhe permite separar formas evidentemente afins e, pelo contrário aproximar formas claramente heterogéneas. (1)

Cumprimenta confessar que, quer no estabelecimento duma escala hierárquica de caracteres, quer na associação destes em grupos naturais correspondentes às sucessivas categorias taxinómicas, o atrazo da Antropologia e da Etnologia é flagrante. Confessar esta verdade não é denegrir estes ramos de saber: na hora em que Einsiein proclama o carácter aproximativo e particularizado de leis físicas até há pouco supostas *universaes* e rigorosas, não há nessa afirmação nem um exagerado scepticismo nem uma estulta irreverência. A ciência das raças humanas teem amontoado factos, observações, com uma exuberância que só tem equivalente na dos métodos que tem utilizado, numa evidente insatisfacção pela magreza dos resultados geraes obtidos. Se a colheita de factos positivos tem sido abundante, o que, sem dúvida, garante àquela ciência o respeito devido a todo o esforço sério e perseverante, as sistematizações feitas não correspondem a essa abundância. Teem-se efectuado muitas observações, tem-se medido muito—quantas dessas medidas

(1) A classificação de Sergi funda-se em: caracteres do crânio (sobretudo índice cefálico e contorno horisontal, e capacidade); caracteres da face (contorno e prognatismo); índice nasal; horisontalidade ou obliquidade, e dimensões da abertura pálpebral; côr da iris; côr da pele; enrolamento e cor dos cabelos; pilosidade; estatura; por vezes, índices esquelico e palatino, esteatopigia,, etc. A importância que êle liga ao contorno horisontal do crânio é, no entanto, evidente. Para outros caracteres como o índice nasal, a estatura, a cor da pele, etc., é frequente as diagnoses registarem a sua variabilidade na mesma espécie ou na mesma variedade. Para alguns grupos, Sergi alude também à «fisionomia», mas com qualificativos vagos como os de *atraente, característica*, etc. (Cf. *Notantliropus europaeus africanus gala*, p. 128; *Not. mediterrâneas, arábicas* .p. 110, etc.). Martin no seu tratado (*Lehrbuch der Anthropologie—lena*, 1914, p. 22.) acentua que a classificação de Sergi repousa essencialmente sobre uma hipótese—o seu poligenismo—e porisso não a reproduz.

porventura feitas inutilmente!? As sínteses e induções perdem-se, porém, nesse mar de materiaes acumulados, nesse labirinto de pesquisas ainda não seleccionadas. O joeiramento de taes materiaes impõe-se: ouve-se isso a cada passo, mas o atrazo dessa tarefa é o índice da sua enorme dificuldade prática. Os próprios métodos teem tanto de supérfluo como de insuficiente (1): todos os Congressos de especialidade o proclamam, mas os últimos tratados de Martin e Frassetto não deixam de desdobrar aos nossos olhos as listas intermináveis de medidas a tirar no vivo ou nos ossos. Tendo eu mesmo aplicado muitos desses métodos, (2) cheguei á convicção de que o efeito para que mais urgentemente se impõe a sua revisão, é *a sua redução*. Lembra-se porcerto de, a propósito de prognatismo, lhes ter falado do grande número de métodos que teem sido propostos para a sua avaliação: os ângulos faciaes de Camper, de Cuvier e Geoffroy Saint-Hytaire, de Clocquet, de Jacquart, de Broca, de Virchow-Hölder, de Rivet, etc., os triângulos faciaes, as projecções, os índices de prognatismo. E, no entanto, lembram-se sem dúvida de lhes ter dito que nenhum desses processos é perfeito. Ora a aplicação de goniómetros é tão difícil e tão pouco rigorosa, que alguns desses goniómetros podem hoje bem figurar como exemplares de Museu, ora os processos indicados podem conduzir aos mesmos valores numéricos para graus diversos de prognatismo ou a valores diferentes para o mesmo prognatismo. E todos esses métodos teem o defeito comum de encarar somente o prognatismo isolado dum ponto e não o prognatismo total da face. Tanta prolixidade de pesquisas, quando, a rigor, não é necessário levar longe demais a determinação do grau de prognatismo! Porque uma pequena diferença, matematicamente calculada, pouco faz ao caso para a definição do prognatismo dum povo ou duma raça. Abu-

(1) Num dos relatórios preliminares do Instituto Internacional d'Antropologia (*Rapports préalables*, Paris, 1919, p 14) Papillault, depois d'acentuar a *aparência científica* das classificações, afirma a utilidade duvidosa de muitas mensurações, a esterilidade frequente dos métodos.

(2) Uma crítica interessante ás listas de mensurações adotadas nos Congressos de Mónaco e Genebra é feita por D. Domingos Sánchez y Sánchez (*Consideraciones críticas sobre el estado actual de la Antropometría*— «Memórias de la Real Sociedad Española de História Natural», memória 7.^a, t. VII, Madrid, 1913, p. 611 e segs.).

sa-se muito do rigor matemático nas mensurações etnológicas, e esse abuso, além de estéril, é mesmo por vezes prejudicial, complicando as investigações e a interpretação dos resultados obtidos. Pode o estendal de números e estatísticas, levado ao excesso, mistificar com aparências de ciência o público ignaro ou superficial, mas esse abuso é condenável, e é preciso dar razão a Sergi, quando, preconizando os métodos *descritivos*, acentua que as mensurações são um mero complemento desses métodos. (¹)

Não está organizada a escala dos caracteres etnológicos. Certos autores dão a primazia à pigmentação, outros ao índice cefálico, outros ao índice nasal, outros à estatura, outros às proporções dos membros, outros ao grau de enrolamento dos cabelos, outros ao prognatismo, outros à forma da face, etc. Parece-nos que essa hierarquia deveria ser estabelecida com um critério menos exclusivista, reunindo de perto ao princípio da hierarquia o da associação. Na verdade, assim como o botânico divide as Angiospérmicas em Dicotiledóneas e - Monocotiledóneas, baseando-se não apenas num carácter, mas num conjunto, que são o tipo da raiz, a disposição dos fascículos vasculares na raiz e no caule, a nervação das folhas, o tipo numérico das peças florais e o número de cotilédones, atribuindo as diferentes Angiospérmicas a um ou a outro grupo consoante a *maioria* (não indispensavelmente a tota-

(¹) Ainda recentemente Sergi voltou a manifestar a sua preferência pelo método morfológico, contra as medidas (G. Sergi — *Caractères distinctifs des races humaines*—«Revue Anthropologique». Paris, 1021, p. 345). Nêsse mesmo artigo Sergi renova a sua opinião de que as formas vivas teem uma origem polifilética, ou seja, de que as espécies duma dada fase geológica teem origens independentes em outras tantas espécies de fases geológicas anteriores (cf. G. Sergi — *Comment la Paléontologie revele l'origine et l'évolution des animaux. et des végétaux* — «Scientia», Milan, Maio, 1921). Havendo discontinuidade entre os grupos de espécies, cada um desses grupos teria resultado dum fenómeno primordial de biogénese ou de criação separada. Estamos de acordo em que a Paleontologia nos mostra a discontinuidade entre muitas formas, sobretudo no mundo vegetal, em que faltam os laços ou as formas de transição entre todos ou quasi todos os grandes grupos taxinómicos actuais. Mas é preciso reconhecer que a Paleontologia nos dá conta dum número de formas extremamente restrito em relação ao das que teriam existido, e, alérn disso, a noção de mutação permitirá dar por vezes a explicação da ausência de intermediários. Noutro lugar trataremos oportunamente da tese de Sergi.

lidade) dos caracteres indicados, assim também se deveria proceder ao domínio etnológico. A classificação de Topinard, como poucas mais, representa porventura um esforço nêsse sentido. (1) A classificação das raças é por êle feita, tomando como base sucessivamente o índice nasal, a secção dos cabelos, o índice cefálico, a cor, a statura. Resta, porém, saber se não haverá outros caracteres mais importantes do que o índice cefálico (2) ou mesmo do que a estatura, como o índice esquelico, as proporções dos membros, o índice sagrado, os índices pélvicos, etc.

Não haverá no predomínio que tem sido dado aos caracteres da cabeça sobre os do tronco e membros, qualquer coisa de excessivo que represente como que uma sobrevivência das velhas doutrinas frenológicas de Gall? Ninguém discuta o valor zoológico da capacidade craniana e do desenvolvimento frontal do Homem, relacionados com o desenvolvimento relativo do cérebro e sobretudo das circumvolucões frontais nêste. Mas o valor etnológico de algumas medidas cefálicas é já mais discutivel. Desde que o Homem de Neanderthal surge com uma paradoxal superioridade de capacidade craniana sobre algumas raças modernas de *Homo sapiens*, como os Australianos, sente-se bem que não há, dentro do grupo humano, uma relação estreita entre os caracteres cranianos e o desenvolvimento intelectual das várias raças. A capacidade anda muitas vezes (não sempre) muito relacionada com a estatura, e o mesmo sucede algumas vezes às dimensões verticais do crânio e da própria face, que não devem, pois, ser encaradas isoladamente como tantos fazem.

Na classificação de Deniker interveem sucessivamente o enrolamento dos cabelos, o índice nasal, a cor da pele, a estatura, o índice cefálico e às vezes a forma da face e o perfil do nariz, como Topinard utilisava também em certos casos as arcadas supraciliares e a depressão da raís do nariz. Sem dúvida, as objecções feitas a Topinard cabem também a Deniker, excepto a duma preocupação dicotómica

(1) A classificação de Quatrefages, que foi chamada «natural», é em grande parte, uma simples enumeração de povos e grupos linguísticos, não de raças.

(2) Para Retzius e Vogt o índice cefálico e o prognatismo são a base das suas classificações.

que domina a classificação do primeiro, e a que naturalmente decorre do atrazo dos conhecimentos relativos a muitos povos na data da classificação de Topinard, atrazo que não era tão grande quando Deniker organizou a sua.

Frassetto, cuja simpatia pela classificação de Sergi transparece no seu tratado, diz, no entanto, que as classificações não podem ser definitivas porque "a Antropologia sistemática está ainda no período de análise. (1) Giuffrida Ruggeri escrevia em 1916: "Pode dizer-se que todas as variedades humanas—exceptuando poucas (como a esquimó, a foguina, a australiana, a extinta tasmaniana, as três variedades europeias) — esperam da colheita e do reexame de material estudado a sua identificação." (2)

O etnólogo, que, terminando a colheita de observações sobre uma dada população, pretender enquadrar essa população num sistema de classificação etnológica encontra-se, pois, imediatamente diante desta dificuldade enorme, que é a que resulta da falta duma classificação natural das raças com um valor mais definitivo do que o dos simples ensaios que tem sido propostos. Já não falamos da dificuldade taxinómica e nomenclatural que provém das divergências dos antropólogos sobre a categoria taxinómica e nomenclatura correspondente dos grupos e tipos humanos. Ao que uns chamam raça, chamam outros variedade, outros espécie, outros género, etc. Os poligenistas, multiplicando, aliás sem fundamento bastante a meu ver, o número de troncos genealógicos originários da Humanidade actual, multiplicam consequentemente os géneros e as espécies dentro desta. Os monogenistas, admitindo uma só espécie de *Pro-Hominidae* e reduzindo portanto a uma o número das *hominaciones*, admitem uma só espécie lineana de *Hominidae* actuais, embora alguns neomonogenistas dividam esta espécie em *espécies elementares* ou *sabspécies*, dentro do critério jordaniano ou de De Vries. Mas esta face do problema não seria a mais grave para a tarefa da análise antropológica. Também na Botânica e na Zoologia falta muitas vezes o acordo sobre a categoria taxinómica de certos grupos vege-

(1) Fábio Frassetto — *Lezioni al Antropologia* — I — 2.^a ed. — Milano, 1918, p. 302.

(2) Giuffrida-Ruggeri — *I caratteri craniologici degl'Indonesiani* — "Archivio per l'Antropologia e la Etnologia", XLVI, (1916), Firenze, 1918, p. 154.

tais e animais, sem que isso represente um prejuízo grave para a classificação biológica. As mais das vezes é uma pura questão de designações ou uma questão de prioridade nomenclatural.

Infelizmente o problema etnológico complica-se mais no que respeita ao reconhecimento do que é uma variação individual, uma raça pura, um cruzamento de raças ou uma simples variedade geográfica. Se tais dúvidas surgem igualmente na Zoologia ⁽¹⁾, o cosmopolitismo humano e a intensidade especial das relações, migrações e cruzamentos entre os vários grupos humanos tornam o problema duma complexidade maior para a Etnologia. Perante uma série de observações no seio duma população não é difícil estabelecer o tipo médio dessa população, ou o seu tipo predominante. É, porém, já de mais subida dificuldade conseguir discriminar, numa análise rigorosa, os elementos componentes dum agregado étnico, os múltiplos tipos que esse agregado encerra. Ainda assim, não é aí que a tarefa do etnólogo reveste o aspecto de maior complexidade: o peor está quando ele procura enquadrar esses tipos na classificação etnológica, quando procura determinar se a caracterização dum tipo define uma raça, indica uma mestiçagem ou estabelece antes uma dada influência mesológica. ⁽²⁾ O *tipo* é uma noção de valor taxinómico pouco preciso, um tanto vago. Corresponde à média dos caracteres dum grupo de indivíduos, ou representa um indivíduo mais ou menos

(1) Segundo Fischer, muitos dos caracteres humanos seriam consequência da *domesticidade* do Homem, isto é dum facto análogo ao que causa o polimorfismo extremo dos animais domésticos. Giuffrida-Ruggeri acentua o facto da notável unidade morfológica do *Homo neanderthalensis* em contraposição à variabilidade do *H. sapiens*, e não hesita em considera-lo um sinal de que o *H. neanderthalensis* viveria no estado selvagem. (G. Ruggeri — *Su l'origine dell'Uomo* — Bologna, 1921, p. 235).

(2) Alguns etnólogos não hesitam em explicar por cruzamentos os tipos irreductíveis às raças dos quadros de classificação. Veja-se a simplicidade categórica com que Fonseca Cardoso escrevia: «Só a Anthropometria nos diz em que proporções se amalgamaram os diferentes factores ethnicos para produzirem os typos mestiçados e característicos das actuaes nacionalidades, o grau de parentesco entre ellas, ...» (Fonseca Cardoso — *O Minhoto d'Entre Cávado e Ancora* ----- «Portugalia», t I, fasc. I, 1899, p. 3). Papillault, pelo contrário, diz recentemente: «Ainda se não separaram os caracteres flutuantes devidos ao meio, dos específicos e hereditários» (*Rapports prealables*, op. cit., p. 14).

ideal, que reúne os caracteres dominantes nesse grupo. E bem, como já foi dito, uma concepção subjectiva, "uma imagem que se cria". A raça é um tipo definido fundamentalmente por caracteres somatológicos *que são hereditários*. ⁽¹⁾ Uma tal estabilisação hereditária é uma condição que requer não só uma análise desses caracteres em sucessivas gerações mas em meios diversos, porque é possível que alguns caracteres supostos de raça sejam *caracteres adquiridos* susceptíveis de desaparecer com a mudança para um ambiente diverso do que os determinava.

A impotência actual da Etnologia para resolver em muitos casos se uma dada caracterisação física permite a atribuição a uma raça bem definida, a um cruzamento ou a uma influência do meio geográfico surge a todos os que tem pretendido chegar a conclusões definitivas em estudos dessa natureza. São raras hoje as raças puras: as relações entre os povos encheram o globo de mestiços. Algumas dessas mestiçagens ter-se-hão porventura convertido em origem de raças novas: outras ter-se-hão diluído na massa duma raça predominante ou, então, regressado às formas primitivas, ao fim dum certo número de gerações. Mas, a despeito da estabilidade dos caracteres de raça, quantas pretensas mestiçagens ou quantas pretensas-influências de raças mais ou menos distantes não serão afinal mais do que o efeito de certas condições do meio exterior? ⁽²⁾ Giuffrida Ruggeri chamou *isomorfismo politópico* à semelhança somática de populações distantes, de diversas estirpes antropológicas, ou seja sem parentesco algum especial, justificativo de tal semelhança que seria apenas o produto de mutações ou simples flutuações com mudanças mais ou menos profundas do património hereditário de determinantes. Na opinião de outros, seria simplesmente o resultado de análogos condicionalismos mesológicos.

As discordâncias entre os autores são fortes nesse campo. Não se trata já da invocação de factores mais ou menos hipotéticos da fórmula hereditária, como são os cha-

⁽¹⁾ P. Topinard— *Éléments d'Anthropologie Générale*, Paris, 1885, p. 194 e segs.

⁽²⁾ Sergi é contra a doutrina que estabelece a importância morfo-genética do meio. Considera assente a *estabilidade* dos caracteres dos grupos humanos a despeito das influências mesológicas (G. Sergi—*Caracteres distinctifs*, etc., op. cit., p. 345).

dados *determinantes*. Há quem não hesite em explicar analogias morfológicas de populações muito distantes por afinidades de raça, por migrações a grandes distâncias, sem fazer interferir circunstâncias do meio. Mas, relativamente até a populações da mais estreita vizinhança geográfica, a divergência de explicações sobre a origem dos caracteres morfológicos respectivos é notória e corrente.

A transição gradual dos xantocroides nórdicos da Europa para os melanocroides meridionais representa, para uns, misturas, em diferentes quotas percentuais, da raça nórdica ou anglo-escandinava (*H. europaeus*) com as raças morenas do sul; para outros, seria a consequência da diferença de clima. (1) Elliot Smith dá aos Mediterrâneos uma origem etiópica, afastando-os dos Leucodermes. Pelo contrário, Giuffrida Ruggeri considerava-os uma variedade de origem nórdica, com influência dum elemento que chama proto-etiópico (*Homo aurignacensis*),

Para uns, os braquicéfalos leucodermes da Europa teriam origem *in loco* por acção do ambiente. Para outros, tratar-se-ha de braquicéfalos transplantados para o meio dos Leucodermes por invasões asiáticas. Mas Giuffrida-Ruggeri incluía os na variedade da sua classificação — *Homo sapiens indo-europaeas* —, mesmo os que teem *paralelismos* inclinados para o tipo mongolóide. Lembra que os crânios de Avars que estudou no Museu Antropológico de Budapeste, são dolicocefalos, e justamente considera arbitraria a reunião de todos os braquicéfalos como a de todos os dolicocefalos (2).

Aranzadi explica os tipos cranianos determinados em Espanha, graças em grande parte aos seus excelentes trabalhos, como devidos a possíveis influências étnicas, não falando nunca do meio. Poder-se-ia assim explicar o grupo *castelhana* por adição ao tipo *pirenaico* dum dólico-hipsicéfalo meridional; os grupos *extremenho*, *mancheço*, *marciano*, *levantino*, etc. teriam a explicação dos seus diferentes caracteres pelas diferentes proporções do tipo *alpino*, alguns

(1) Cf. sobre este assunto: Mendes Corrêa—*Homo*, Coimbra, 1921, p. 245 e segs.

(2) Giuffrida-Ruggeri — *Schème d'une classification des Homini-dés actuels* — Compte-rendu du XIV.^e Congrès d'Anthropologie et Archéologie Préhistoriques., t. II, Genève. 1912, p. 442.

porventura por influências *armenoides*, etc. (1) Compartilhando estes pontos de vista de Aranzadi, (porque, a meu vêr, o meio não tem uma acção directa, immediata e ininterrupta sobre os caracteres isolados das raças, mais ou menos estabilisados pelo tempo) (2) não desconheço que outros autores poderão atribuir ao meio algumas ou todas essas diferenças.

Identicamente, para uns, alguns povos africanos seriam o expoente de cruzamentos entre os Hamitas do norte e os Negros do Sul, ao passo que, para outros, seriam raças distintas, e, para outros ainda, as diferenças entre eles e as outras raças circumvisinhas resultariam de diversas condições do meio. Os loiros das montanhas de Rif seriam, para uns, representantes da raça nórdica, enquanto que, para outros, seriam pura e simplesmente Berberes que a altitude teria colocado em condições análogas às dos xantocroides da Europa septentrional. Mas, segundo Ujfalvy, nos Eranianos asiáticos a pigmentação clara dos cabelos diminue com a altitude (3).

Caberia inquirir ainda se a maior percentagem de loiros que se nota nalgumas regiões do norte de Portugal relativamente ao sul do paiz, é necessariamente (como, em grande parte, creio) o índice duma influência étnica de populações do norte da Europa, ou apenas a consequência duma despigmentação de origem climática ou determinada pela diminuição gradual das influências actínicas das baixas para as altas latitudes. A simples colheita das observações somatológicas não basta, as mais das vezes, ou sempre, para responder cabalmente a taes interrogações.

A carta de Deniker, da distribuição das raças na Europa e a sua classificação das raças europeias são quasi exclusivamente fundadas na estatura e no índice cefálico, o que é pouco. Por mais meritório que tenha sido o esforço do grande etnólogo, compreende-se pelo carácter-restrito duma tal base taxinónica, que Aranzadi não tenha, por exemplo,

(1) Telesforo d' Aranzadi — *Dimensiones de la calvário, en España y sus relaciones de conjunto* — Extr. do "Bol. de la R. Sociedad Española de Historia Natural", Madrid, 1915, p. 328.

(2) Mendes Corrêa — *Homo*, op. e p. cit.; id.—*Le milieu géographique et la race*— «Scientia» Milan, 1921, p. 371 e segs.

(3) Ch. de Ujfalvy — *Les Aryens au Nord et au Sud de l'Hindou-Kouch* — Paris, 1890, p. 485.

encontrado em Espanha, entrando em linha de conta com uma mais ampla caracterização somatológica, as *raças* da classificação de Deniker taes quaes ele as definiu ⁽¹⁾. As realidades determinadas pelo autor espanhol estão longe das entidades concebidas como raças distintas e definidas.

Mas um dos aspectos mais complicados do problema da análise etnogénica duma população é o de, conhecidos qualitativamente os seus elementos componentes, determinar quantitativamente as várias quotas percentuaes desses elementos. Está hoje estabelecido na Biologia que muitos caracteres dos progenitores se distribuem na descendência de acordo com as leis de Mendel, isto é, uns são *dominantes*, outros dominados ou *recessivos*, (aparecendo na primeira geração só os dominantes e ficando ocultos ou latentes os dominados) e, segundo são dominantes ou recessivos, se faz diversamente a sua repartição pelos indivíduos (*disjunção*) da segunda geração -de híbridos em deante. Mas, para outros caracteres, a distribuição mendeliana parece não se dar ⁽²⁾: assim, alguns caracteres dos híbridos e dos mestiços parecem ser intermediários entre os dos progenitores. Há, alem disso, os casos de dominância incompleta e de dominância variável.

Davenport verificou, sôbre algumas centenas de observações de Miss Danielson em mestiçagens de Brancos e Negros das Bermudas e da Jamaica, que as colorações cutâneas obedecem na sua transmissão hereditária às leis de Mendel e que o regresso aos tipos primitivos se dá ao fim de um certo número de gerações. ⁽³⁾ O mesmo Davenport, Hurst, e outros teem feito também estudos sobre a hereditariedade da pigmentação e do enrolamento dos cabelos. Segundo Giuffrida-Ruggeri, as modernas investigações mendelianas permitem concluir que o cabelo enrolado é dominante sôbre o cabelo liso, o negro o é sobre o loiro, a íris e a cor cutânea escuras o são sobre a íris e a colora-

(1) Telesforo d'Aranzadi — *De l' Antropologia de España*, 1915 (cit. em «L'Anthropologie», t. XXIX, p. 369). Cf. também: Mendes Corrêa — *Etnologia ibérica* — Extr. dos «Anaes da Acad. Politecn. do Porto» — Coimbra, 1921, p. 19.

(2) E. Rabaud — *Le mendelisme chez l'Homme*—«L'Anthropologie», Paris, 1912.

⁽³⁾ Cit. por G. Hervé (*Rapports préalables*, op. cit., p. 4).

ção claras da pele. (1) O malgrado antropólogo italiano utilizou estas conclusões para conjecturas sobre a origem dos Mediterrâneos, e em especial da raça Atlanto-mediterrânea da classificação de Deniker. Mas nem para todos os caracteres a regra mendeliana tem sido verificada. Os mendelistas explicam mais ou menos artificialmente o facto, dizendo que se não traía de verdadeiros caracteres, mas de complexos de caracteres, ou que o grau de dominância dos caracteres pode variar. Não é defensável também a doutrina mendelista de que os caracteres teem o valor de unidades independentes: os organismos são *todos* em que as diferentes partes estão correlacionadas entre si, e não se podem dizer, como os mendelistas pretendem, conjuntos de caracteres, em que estes entrariam como as pedras entram na constituição das paredes dum edifício. (2)

Seja, porém, como for — o etnólogo encontra-se na presença de factos contradictórios, sendo os inquéritos sobre hereditariedade mendeliana no Homem dificultados por várias razões, como: a impossibilidade de verificar essa hereditariedade num grande número de gerações; o facto de o número de filhos ser para cada casal humano muito mais reduzido do que para a maioria das formas animais e vegetais, e ainda o facto de não se cruzarem os filhos dos mesmos progenitores, sendo também difícil e às vezes mesmo impossível saber se os pais são de raça pura ou já *heterozigotos*, isto é, portadores dos caracteres dominante e recessivo ao mesmo tempo. Além disso a análise etnogénica não deve perder de vista, nas suas apreciações quantitativas dos elementos étnicos componentes, a influência que nessa composição devem ter as selecções sociais sobre as raças e sobre os mestiços.

Não sendo um elemento étnico definido apenas por um carácter mas por uma caracterisação complexa, e podendo o mesmo elemento étnico ter, em relação a outro, ao mesmo tempo caracteres dominantes e caracteres recessivos, compreende-se que não basta conhecer a frequência dum carácter relativamente ao seu correspondente (com o qual constitue um *grupo alelomórfico*) para saber a quota percen-

(1) Giuffrida-Ruggeri — *Quattro crani preistorici dell'Italia meridionale*, «Archivio per l'Antrop. e la Etnol.» Firenze, 1916, p. 310.

(2) Cf. Mendes Corrêa — *Homo*, op. cit., p. 64 e segs., p. 74 e segs., etc.

tual do elemento étnico portador desse carácter. Representando por letras maiúsculas a posse dos caracteres dominantes e pelas letras minúsculas a ausência desses caracteres com presença dos recessivos correspondentes e estudando a disjunção no caso relativamente simples de tri-híbridos (isto é, no caso de se terem cruzado progenitores diferindo entre si apenas por três caracteres) a regra mendeliana indicaria como prováveis as seguintes combinações na segunda geração (1):

27 ABC, 9 aBC, 9 AbC, 9 AĀc, 3 abC, 3 aBc, 3 Abc, 1 abc.

Ora não me parece possível reduzir a uma tal simplicidade matemática as constatações reais feitas no seio do grupo humano. De resto, as raças não diferem entre si geralmente apenas por três caracteres: extendendo a expressão "híbrido" aos mestiços, (como de resto tenho feito no decurso desta minha exposição sem que isso signifique a atribuição do valor de *espécies* às raças humanas, mas em vista do uso dessa expressão pelos mendelistas,) — os cruzamentos entre raças humanas dão *poli-híbridos*, ou seja, portadores de caracteres constituindo *grupos alelomórficos compostos*.

No entanto, apesar de todas as dificuldades mencionadas, talvez seja possível encontrar nas leis mendelianas a expressão de certos factos observados em Etnologia. Essas leis autorizam a supor, por exemplo, possível a formação dos Espanhoes altos e morenos do litoral valenciano por um cruzamento de nórdicos altos e loiros com ibero-insulares baixos e morenos: basta que se verifique, não apenas a dominância da pigmentação morena sobre a loira, mas também a recessividade da baixa estatura perante a alta. (2)

Avalia-se assim da dificuldade prática de determinar as proporções dos elementos componentes numa população misturada. G. Sergi faz uma justa crítica aos *cálculos* de Johnston sobre as quantidades de sangue caucásico (branco) nas raças negras da África centro-oriental, dizendo que não sabe como ele poderia ter feito taes cálculos. Para Johnstón os Bantus seriam,, principalmente Negro do oci-

(1) Giuffrida-Ruggeri — *L'Uomo attuale*, Milano—Roma—Napoli, 1913, p. 13.

(2) Mendes Corrêa—*Etnologia, ibérica*, op. cit., p. 20. Por lapso, está escrito neste trabalho que a pigmentação clara seria «o carácter dominante», quando seria, pelo contrário, o «recessivo».

dente africano, com pouquíssimo sangue de Pigmeu do Congo e de Bochimanes de oriente e do sul”, tendo sido modificados fortemente pelos Hima (Camíticos) em muitas tribus ⁽¹⁾. Sergi, entretanto, afirma que as raças em questão são *híbridas* do seu *Notanthropus afer*: "Não há dúvida, escreve a respeito dos Himas, que são os representantes duma variedade híbrida, de sangue negro, provavelmente *N. afer niger*, com sangue de Eurafricanos (Camitas), *N. eurafricanus*, variedade *africanus*", ⁽¹⁾ As considerações que fiz, mostram bem como, a meu ver, algumas destas asserções são ainda meras conjecturas etnogénicas.

Não pode o etnólogo esquecer, por numerosas que sejam as excepções às leis de Mendel no domínio do grupo humano, os fenómenos de dominância e de disjunção, os factos de regresso aos tipos primitivos, de que estas leis dão conta com maior ou menor exactidão matemática. Mesmo, apesar da possibilidade de casos de dominância variável ou de dominância incompleta, a verdade é que, como já dizia De Quatrefages, os "caracteres, por vezes, não se *fundem* na descendência e antes se *juxtapõem* ou se *dissociam* (seguindo deste modo as regras mendelianas). Lembrando que a proporção relativa dos caracteres dos mestiços e dos híbridos varia segundo a geração de que se trata, não havendo (segundo a lei da dominância), senão caracteres dominantes na primeira geração, e (segundo a lei da disjunção) apenas um quarto de portadores de caracteres dominados na segunda geração, etc., — compreende-se bem como para qualquer cômputo convêm conhecer alguns elementos complementares sobre a data das infusões de sangue extranho na população pura primitiva. O problema etnológico reveste assim também uma feição *histórica* e, ao contrário dos que supõem que a Antropologia pode sempre determinar matematicamente as influências étnicas recebidas através dos séculos por uma dada população, eu penso que muitas vezes ela tem de recorrer à História para fazer uma contraprova indispensável das suas constatações. E, se por vezes, as indicações da História induzem alguns antropólogos a extrair dos dados antropológicos conclusões forçadas, dando às suas constatações interpretações nem sempre

(1) G. Sergi — *L'Uomo*, op. cit., p. 198.

(2) *Ibid*, p. 202.

aconselháveis e nem sempre concordantes com a exactidão científica, bastando o mais insignificante elemento para considerarem demonstrada a concordância dos textos e da tradição com as verificações antropológicas,—é certo, entretanto, que em grande número de casos é necessário apelar para a História como um auxiliar indispensável da pesquisa etnológica. A Antropologia e a História mutuamente se auxiliam dêsse modo.

Em suma, a análise etnológica surge no estado actual da sciência como um problema da mais transcendente complexidade, relativamente a um grande número de populações e a despeito da quantidade enorme de materiais acumulados. Encontra logo, como um dos seus primeiros escolhos, a imperfeição das classificações em voga, em consequência do atrazo na aplicação à Etnologia dos critérios basilares das classificações biológicas naturais: os critérios da subordinação e da associação dos caracteres. Está longe de se poder considerar definitivo o estabelecimento duma escala hierárquica dos caracteres taxinómicos das raças humanas. Parece que, entre êles, os do sistema nervoso deveriam ter uma primazia nítida, mas o seu estudo, sob o ponto de vista étnico, está muito atrazado.

Os próprios métodos pecam por uma prolixidade que conduz a urna caótica dispersão de resultados, sendo, aliás, alguns duma superficialidade e insuficiência que contrastam com a sua exuberância aparatosa de cálculos matemáticos ou de detalhes técnicos. As discordancias sobre a categoria taxinómica dos vários agrupamentos humanos, o conflito de opiniões e classificações de monogenistas e poligenistas, não são de molde também a favorecer as sistematizações e induções fundadas em pesquisas etnológicas.

Mas o problema ainda mais sensivelmente se complica e obscurece perante a questão tão controvertida dos cruzamentos étnicos; das mestiçagens, e perante a discordância sobre o valor do papel a atribuir a estas na etnogenia das populações e o do papel do meio exterior na caracterisação morfológica dessas populações. A repartição dos caracteres na descendência constitue por sua vez um dos aspectos mais complexos do problema etnogénico. A attitude do etnólogo perante este problema difere profundamente segundo ele admite ou não as leis de Mendel. No último caso, as proporções dos elementos componentes duma população avaliar-se-hiam, como muitos fazem, pela maior ou

menor semelhança do tipo médio da população com as raças que entraram na sua composição. No primeiro caso, a questão é muito mais complicada, e, como vimos, requer por vezes o concurso da História; pouco interesse tem então a determinação das *médias*. (1)

Estamos diante de questões insolúveis? Não o cremos. Temos de reconhecer o atraso dos nossos conhecimentos sobre esses assuntos, mas não a impossibilidade de achar os meios de os esclarecer, de fazer dissipar as dúvidas que pairam sobre esse campo de pesquisas científicas. Será necessário proceder a uma selecção de métodos e dos próprios resultados já obtidos. Haverá, por certo, necessidade de reduzir às proporções de bisantinismos dispensáveis e envelhecidos, quando não mesmo às de complicações contraproducentes, certos métodos e muitos materiais amontoados por investigadores perseverantes. Dessa selecção, que será sobretudo uma simplificação, surgirá por certo, o terreno desbravado e firme em que lançará as suas raízes a Etnologia futura.

A. A. MENDES CORRÊA.

(1) Mendes Corrêa,—*L'hérédité mendélienne et l'analyse ethnologique* - «*Natur und Mensch*», Berne, 1922.